



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CAMPUS DE SÃO BERNARDO**  
**LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**RAFAELA ARAUJO SANTOS**

**ARTE E LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE**

**SÃO BERNARDO**  
**2021**

RAFAELA ARAUJO SANTOS

**ARTE E LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientadora: Prof. Dr. Carla Silvia Souza da Rocha

SÃO BERNARDO

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Araujo Santos, Rafaela.

Arte e linguagem na filosofia de Nietzsche / Rafaela  
Araujo Santos. - 2021.  
49 f.

Orientador(a): Carla Sílvia Souza da Rocha.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São  
Bernardo, 2021.

1. Arte. 2. Linguagem. 3. Nietzsche. 4. Verdade. I.  
Souza da Rocha, Carla Sílvia. II. Título.

**RAFAELA ARAUJO SANTOS**

**ARTE E LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. CARLA SILVIA SOUZA DA ROCHA (ORIENTADORA)  
INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO (IFMA)

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. WANDEILSON SILVA DE MIRANDA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. ALINA SILVA SOUSA DE MIRANDA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)

Dedico este trabalho à Deus, que sempre me sustentou em todas as situações, aos meus pais: Maria dos Aflitos e Bernardo, que sempre estiveram ao meu lado, aos meus irmãos e ao meu namorado.

## **AGRADECIMENTOS**

A finalização deste trabalho me faz lembrar de muitas situações marcantes em minha vida, não foi fácil concluir esta etapa, mas, “até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Samuel 7:12). Sou muito grata à Deus por toda força que me concedeu nos momentos de aflição na produção deste trabalho, pois, Ele sempre mostrava que daria tudo certo. Agradeço aos meus pais: Maria dos Aflitos e Bernardo, que sempre estiveram ao meu lado nessa longa caminhada da faculdade e que sempre me motivaram na busca por conquistas, mesmo com todas as dificuldades existentes, sempre lutaram para conceder o melhor para a nossa família.

Agradeço a professora Carla Sílvia Souza da Rocha, por ter compartilhado todo o seu conhecimento sobre Nietzsche ao longo do processo da construção deste trabalho e pelos diálogos maravilhosos que tivemos. Agradeço também ao professor Wandelson Silva de Miranda, que desde o início do curso foi um grande incentivador e um professor admirável, e, agradeço também a professora Alina Silva Sousa de Miranda, por sua extrema dedicação profissional, na qual sempre admirei.

Agradeço também aos meus amigos da faculdade e da vida, pois, ao longo desses anos foi possível compartilharmos muitas experiências que serviram para nos fortalecer e lutar por nossos sonhos. Agradeço também ao meu namorado Rodrigo, que ao chegar em minha vida, já me encontrou na caminhada deste trabalho, mas que foi fundamental com sua companhia, com suas palavras e atitudes de incentivos.

Meus mais sinceros agradecimentos a cada um que fez parte deste processo.

“Somente pelo esquecimento desse mundo metafórico primitivo, apenas pelo enrijecimento e petrificação de uma massa imagética que, qual um líquido fervente, desaguava originalmente em torrentes a partir da capacidade primitiva da fantasia humana, tão-somente pela crença imbatível de que *este* sol, *esta* janela, esta mesa são uma verdade em si, em suma, apenas por que o homem se esquece enquanto sujeito e, com efeito, enquanto sujeito *artisticamente criador*, ele vive com certa tranquilidade, com alguma segurança e consequência; se pudesse sair apenas por instante das redomas aprisionadoras dessa crença, então sua “autoconsciência” desapareceria de imediato. [...]”

(NIETZSCHE, F. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”)

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo expor arte e linguagem na filosofia de Nietzsche, dando ênfase na passagem do estado artístico para o estado racional, e, para o entendimento da linguagem como fundamento da metafísica. Inicialmente, a arte apolínea é vista como elemento preciso para a conservação das aparências, criando um filtro ilusório, capaz de embelezar o mundo ao seu redor para “fugir” dos horrores existentes. Do outro lado, a arte dionisíaca rompe com o véu ilusório, mostrando a realidade sem mascaramentos. A união desses dois instintos artísticos gerou a arte trágica, representando o equilíbrio da existência, algum tempo depois, a arte trágica entra em declínio e surge a linguagem como a grande salvadora, o “antídoto” necessário para a existência. Nesse momento, o homem sai de um estado artístico para um estado racional, que foi inserido por Sócrates e que para Nietzsche é o grande responsável juntamente com Eurípides pela decadência da arte trágica. A chegada do estado racional, a linguagem entendida de forma metafisicamente, o homem passa a estabelecer denominações para tudo aquilo que o cerca, nomeando e a partir da sua duração tornando-as verdades concretas, para sua conservação em meio a sociedade. A verdade, elemento estabelecido para favorecer e facilitar as relações humanas tem a finalidade de promover e modificar a vida, assim, constituindo o problema da verdade que se encontra relacionado pela maneira como o homem estabeleceu sua conexão com a linguagem. Deste modo, o trabalho em questão visa também mostrar as contribuições dessas reflexões para o problema da verdade.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Arte. Linguagem. Verdade.

## ABSTRACT

The present study aims to expose art and language in Nietzsche's philosophy, emphasizing the passage from the artistic state to the rational state, and to the understanding of language as the foundation of metaphysics. Initially, Apollonian art is seen as a precise element for the conservation of appearances, creating an illusory filter, capable of beautifying the world around it to "escape" the existing horrors. On the other hand, Dionysian art breaks the illusory veil, showing reality without masking. The union of these two artistic instincts generated tragic art, representing the balance of existence, sometime later, tragic art goes into decline and language appears as the great savior, the "antidote" necessary for existence. At that moment, man leaves an artistic state for a rational state, which was inserted by Socrates and who for Nietzsche is largely responsible, along with Euripides, for the decadence of tragic art. The arrival of the rational state, the language understood in a metaphysical way, the man starts to establish denominations for everything that surrounds him, naming and from their duration making them concrete truths, for their conservation in the midst of society. Truth, an element established to favor and facilitate human relationships, has the purpose of promoting and modifying life, thus constituting the problem of truth that is related to the way in which man established his connection with language. Thus, the work in question also aims to show the contributions of these reflections to the problem of truth.

**Keywords:** Nietzsche. Art. Language. Truth.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 - NIETZSCHE E A METAFÍSICA DE ARTISTA .....</b>	<b>14</b>
<b>2 - NIETZSCHE CONTRA SÓCRATES .....</b>	<b>22</b>
<b>3 - NIETZSCHE, LINGUAGEM E O PROBLEMA DA VERDADE.....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Ao estudar os escritos de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), entramos em um mundo cheio de surpresas e que nos levam à diversos questionamentos, é perceptível que por muito tempo seus textos não foram vistos com bons olhos, causando repulsas em alguns leitores, pois, não é tarefa fácil buscar desvendar as diversas metáforas linguísticas existentes em seus textos. Através dos seus escritos, Nietzsche buscou interpretar e explicar em seus diversos livros, os mais diversificados temas (racionalidade, paixão, cultura, corpo, arte, linguagem, ética *etc.*) que buscam exemplificar sobre o comportamento humano, principalmente, a respeito da arte e da linguagem, que para ele consolidaram-se como fatores essenciais para a existência do indivíduo.

A construção deste trabalho acadêmico, baseia-se em expor a oposição existente entre arte e o conhecimento racional, na qual percorre toda a obra nietzschiana. É evidente que exista uma grande valorização por parte de Nietzsche a respeito da arte trágica, pois, para ele, esta apresenta-se como uma experiência artística superior ao conhecimento racional (proposto por Sócrates), sendo a arte mais valerosa que a verdade.

Devido ao caráter fragmentado da forma que Nietzsche trabalha os temas em suas obras, muitas vezes, devido a escolha do estilo aforismático e dentre outras escolhas que vão contra a tradição em busca de uma nova forma de filosofar, todas as suas argumentações em seus textos, partem-se de um recorte para evitar a linearidade do discurso. Assim, a produção deste material encontra-se também marcado em recortes que não seguem uma ordem cronológica das obras, entretanto, busca explorar cada vez mais as argumentações feitas por Nietzsche.

Desse modo, o trabalho em questão encontra-se dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo deste trabalho “Nietzsche e a metafísica de artista”, discute a partir de *O nascimento da tragédia*, sobre a importância da arte e de como ela se torna um elemento essencial para a manutenção da vida, isto é, conservando as aparências. Em seguida, será discorrido sobre a criação dos deuses olímpicos representados pela arte apolínea e a arte dionisíaca, em que a arte apolínea tem como objetivo embelezar a aparência do mundo grego, mascarando a verdade e forjando um ideal de perfeição para tornar a vivência mais agradável, e, por fim, será mostrado a relação entre arte e vontade através da arte dionisíaca, sendo uma arte que rejeita o aspecto ilusório e os falseamentos, buscando mostrar a realidade como ela é sem mascaramentos.

O segundo capítulo “Nietzsche contra Sócrates”, é discutido através de *O nascimento da tragédia* e o *Crepúsculo dos ídolos*, que servem como base para abordar sobre o afastamento da arte dionisíaca e o aniquilamento da arte trágica, abrindo espaço para o surgimento de uma tendência socrática, que surge como uma nova forma de existência, a do homem teórico. Para Nietzsche, Sócrates é o principal responsável pela inversão dos valores do mundo helênico e que obteve a ajuda de Eurípides para que a dialética fosse apresentada como a mais nova “arte salvadora” daquele povo. Além disso, Nietzsche critica a ascensão da dialética socrática entre os gregos, considerando o seu caráter degenerativo contra a vida e contra os instintos.

Já o terceiro capítulo “Nietzsche, linguagem e o problema da verdade”, têm-se por base *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, além de ser utilizado *A gaia ciência*, para abordar sobre a grande importância dada a linguagem no quesito de conservação dos indivíduos, em que o conhecimento se tornou uma “crença” e o

homem passou a crer que poderia transformar o mundo da maneira que o quisesse, tornando-se a peça principal e criando o seu próprio mundo.

A partir do momento que o homem se sente no poder, ele começa a conceituar as coisas ao seu redor, buscando torná-las verdades inquestionáveis. A verdade, surge então como uma tentativa de criar uma vida em que não haja mudanças, mas, que tenha estabilidade diante de todas as coisas, originando o problema da verdade, pois, a verdade ligada a realidade é questionada, já o valor que o homem denomina sobre o que ele acredita ser verdade, acaba sendo firmada como algo real.

Mas, são fatores que foram sendo enraizados nos indivíduos pela necessidade de sobrevivência como uma opressão para não se desviarem do que era oferecido, pois, o medo de sucumbirem e não existirem mais, foi maior do que tudo existente para aqueles gregos. Desse modo, a filosofia de Nietzsche origina-se por meio de uma profunda desconfiança com relação a esse poder, a essa clareza apolínea, a essa ilusão de que dominamos a realidade por meio de uma Razão.

## 1. NIETZSCHE E A METAFÍSICA DE ARTISTA

Nietzsche, em sua obra *O nascimento da tragédia*, partindo das reflexões sobre a Grécia Antiga, exemplifica que os gregos possuíam uma extrema sensibilidade tanto para dor quanto para o artístico. Os gregos, bastante suscetíveis aos grandes sofrimentos que os assombravam, viam a necessidade de possuir um elemento que os ajudassem a superar os terrores da existência e que fosse capaz de criar um ambiente que fornecesse formas agradáveis de serem suportadas e desejadas.

É nesse contexto, que surge a arte no cenário grego, sendo visto como um elemento capaz de sustentar o homem, criando representações artísticas<sup>1</sup> com as quais sejam possíveis viver e demonstrando uma força extraordinária de manutenção da vida, isto é, conservando as aparências<sup>2</sup>.

Assim, para que a vida pudesse se tornar possível de ser encarada e desejada, os gregos, para fugirem de situações desagradáveis dos quais estavam aptos a sofrerem, criaram os deuses olímpicos ou a arte apolínea<sup>3</sup>, deuses que lhes ajudariam a escapar da dor, da fragilidade, do pessimismo que os assolavam e que poderia levá-los à negação da vida, mascarando os terrores da existência.

[...] De que outra maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao sofrimento, suportar a existência, se esta, banhada de uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades? O mesmo impulso que chama a arte à vida, como a complementação e o perfeito remate da existência que seduz a continuar vivendo, permite também que se constitua o mundo olímpico, no qual a "vontade" helênica colocou diante de si um espelho transfigurador. Assim, os

<sup>1</sup> A criação dos deuses olímpicos e das artes em geral marcaram profundamente a cultura grega.

<sup>2</sup> “[...] Sua filosofia parte das dicotomias entre aparência e essência, fenômeno e coisa em si, representação e vontade para estudar a relação entre beleza e verdade e, por conseguinte, entre o apolíneo e o dionisíaco. [...], embora o pensamento filosófico de Nietzsche nessa época se utilize da oposição metafísica essência-aparência, sua singularidade é fazer uma apologia da aparência como necessária à vida e única via de acesso à essência: uma apologia, portanto da arte.” (MACHADO, 2017, p. 13)

<sup>3</sup> O apolíneo vem de Apolo, poderoso deus do sol, a luz da verdade. É visto também como o deus da pureza das formas, da beleza, da harmonia, da razão e tem relação com os sonhos e o mundo ilusório.

deuses legitimam a vida humana pelo fato de eles próprios viverem a teodiceia que sozinha se basta! [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 34)

Ao mesmo tempo em que havia uma extrema sensibilidade para o sofrimento, havia também uma extrema sensibilidade artística entre os gregos, sendo explicada através de seus instintos. Apesar de o surgimento dos deuses olímpicos estarem ligados a uma forma de mascarar aspectos da realidade para suportar a existência, ela não deve ser caracterizada como uma maneira de escapar do mundo ou ensinar uma maneira de se comportar frente aos terríveis acontecimentos, mas, a aparição desses deuses olímpicos ligados à arte apolínea, relaciona-se inteiramente à arte da beleza, a uma divinização de uma bela aparência do mundo grego, mascarando o mundo verdadeiro.

[...] Se a beleza é uma aparência é porque há uma verdade que é a essência. Mais ainda: a beleza é uma aparência, um fenômeno, uma representação que tem por objetivo mascarar, encobrir, velar a verdade essencial do mundo. Para escapar do saber popular pessimista, o grego cria um mundo de beleza que, em vez de expressar a verdade do mundo, é uma estratégia para que ela não ecloda. Produzir a beleza significa se enganar na aparência e ocultar a verdadeira realidade. [...] Mascarando a essência, a vontade, a verdadeira realidade, a beleza é uma intensificação das forças da vida que aumenta o prazer de existir (MACHADO, 2017, p. 27-28)

A partir desta estratégia de embelezar o mundo real para que a verdade não ecloda, as aparências servem como meio de compreensão do mundo, partindo da arte apolínea como um princípio de caráter ordenador, sendo possível oferecer o poder de aliviar e tranquilizar o indivíduo diante das várias incertezas que o cercam.

Sabe-se que encarar o desconhecido, a existência marcada pela perda e o sofrimento, são vistas pelo indivíduo como maneiras insuportáveis de serem encaradas, assim, veem a necessidade de possuírem o filtro da forma (aparência), do conhecimento, o domínio do intelecto, da linguagem, da arte, como mecanismos para se manterem estáveis perante as adversidades existentes.

Mas, todo esse processo de criação e afastamento do pessimismo, ocorre através do ambiente onírico, onde o ser humano assume-se como um artista consumado em face da “realidade” apresentada nos sonhos, pois, é através das imagens ilusórias criadas, que a implementação do belo é posta, e, por mais que o indivíduo perceba a ilusão<sup>4</sup>, leva-se em conta a forma como essa manifestação se relaciona com o espírito apolíneo<sup>5</sup>, atuando na criação de imagens e objetos individuais, mas, intensificando-se, na prática de criar aparências, ou seja, alterando a realidade ao invés de uma representação íntegra.

Dessa forma, os sonhos não mostram a verdadeira natureza da vida, mas, apresentam cenários em que o viver é sustentável. A aparência torna-se necessária e para que isso ocorra, ela depende extremamente do belo para falsear a realidade. O homem, dentro desse cenário, necessita da libertação da dor pela aparência, colocando em jogo todo o processo de simbolização das formas artísticas, e, a vontade<sup>6</sup> sendo considerada a única verdade.

A verdadeira meta é encoberta por uma imagem ilusória: em direção a esta estendemos as mãos e a natureza alcança aquela através de nosso engano. Nos gregos a “vontade” queria, na transfiguração do gênio e do mundo artístico, contemplar-se a si mesma: para glorificar-se, suas criaturas precisavam sentir-se dignas de glorificação, precisavam rever-se numa esfera superior, sem que esse mundo perfeito de introversão atuasse como imperativo ou como censura. Tal é a esfera da beleza, em que eles viam as suas imagens especulares, os Olímpicos. [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 35)

Aqui, o objetivo da “natureza” é buscar seduzir várias individualidades<sup>7</sup> através do engano (ilusão) em favor da existência, é oferecer mecanismos artísticos que

---

<sup>4</sup> Entendida como o princípio de individuação.

<sup>5</sup> Comportava-se como forma de proteção da cultura grega e de ameaças que poderiam partir de outras regiões, além disso, essa força apolínea servia para proteger o povo grego das festividades bárbaras que consistiam em excesso de bebidas e rituais que eliminavam os valores fornecidos pelo apolíneo, e, as festividades aconteciam em homenagem ao deus Dionísio (que será discutido mais adiante).

<sup>6</sup> Potência de vida.

<sup>7</sup> “Esse endeusamento da individuação, quando pensado sobretudo como imperativo e prescritivo, só conhece *uma* lei, o indivíduo, isto é, a observação das fronteiras do indivíduo, a *medida* no sentido helênico. Apolo, como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder observá-la, o

elevem o sentimento de superioridade e de controle frente às ações humanas, dando continuidade ao processo de manutenção da vida, através das películas postas pela aparência para encobrir os horrores, convertendo em algo seguro e fácil de encarar.

A ilusão e não a verdade é a condição de sobrevivência do ser humano: “vivemos, graças ao carácter superficial de nosso intelecto, numa ilusão perpétua: temos então para viver a necessidade da arte a cada instante”. A arte é condição de existência do nosso intelecto. Esta arte, no entanto, a que Nietzsche se refere insistentemente, não é a arte dos artistas, a arte como instituição e como obra, mas uma atividade propriamente criadora, uma força artística presente não somente no ser humano, mas em todas as coisas. [...] (MOSÉ, 2018, p. 73)<sup>8</sup>

É através desta força artística que o homem consegue acreditar possuir o domínio sobre todas as coisas e através da superficialidade sobre a verdadeira realidade<sup>9</sup> fornecida pelo intelecto, crer possuir a capacidade de sintetizar criações, de dar forma àquilo que parece ser sustentável e necessário para o seu viver. Assim, da mesma forma que a intelectualidade é vista como essencial para a sobrevivência devido seu poder de manipulação, a arte<sup>10</sup> também é vista como essencial para a sobrevivência.

---

autoconhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”, ao passo que a autoexaltação e o desmedido eram considerados como os demônios propriamente hostis da esfera não apolínea, [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 37)

<sup>8</sup> “Como um meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação; pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se, como aqueles aos quais é denegado empreender uma luta pela existência com chifres e presas afiadas. No homem, essa arte da dissimulação atinge seu cume. Por ser criada sob a pressão da necessidade de comunicação e sociabilidade, a consciência de si não faria parte, em rigor, da existência do indivíduo enquanto tal, mas de sua interação com o meio e aqueles que o rodeiam, referindo-se àquilo que nele há de comum e trivial [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 11)

<sup>9</sup> “[...] Com efeito, quanto mais percebo na natureza aqueles onipotentes impulsos artísticos e neles um poderoso anelo pela aparência [*Schein*], pela redenção através da aparência, tanto mais me sinto impelido à suposição metafísica de que o verdadeiramente-existente [*Wahrhaft- Seiende*] e Uno-primordial, enquanto o eterno-padecente e pleno de contradição necessita, para a sua constante redenção, também da visão extasiante, da aparência prazerosa – aparência esta que nós, inteiramente envolvidos nela e dela consistentes, somos obrigados a sentir como o verdadeiramente não existente [*Nichtseiende*], isto é, como um ininterrupto vir- a - ser no tempo, espaço e causalidade, em outros termos, como realidade empírica. [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 36)

<sup>10</sup> “[...] A apologia da arte já significa, como sempre significará para Nietzsche, o elogio da aparência como necessária não só a manutenção, mas à intensificação da vida.” (MACHADO, 2017, p. 29)

Sabe-se que a consciência apolínea adquirida pelos gregos, é apenas mais um elemento característico dos feitos artísticos, que permitem criar um mundo em que não seja ignorado, mas moldado, pois, possuem as formas essenciais da bela aparência. Porém, a arte apolínea ao buscar a dissimulação da verdade, acaba deixando de lado um outro instinto estético da natureza: o dionisíaco<sup>11</sup>.

Nietzsche nos apresenta o dionisíaco<sup>12</sup> em o *Nascimento da tragédia*, como um feito artístico antecessor ao apolíneo, sendo considerado um elemento propriamente bárbaro, de maneira titânico, que não era pertencente ao mundo grego, mas, aos poucos foi sendo visto como um elemento preciso para a vivência, sendo exemplificado como um aniquilador da vida, em que os efeitos da aparência passaram a não ser mais necessários, pois, era preciso encarar as situações terríveis sem o filtro da ilusão.

[...] As musas das artes da “aparência” empalideciam diante de uma arte que em sua embriaguez falava a verdade, a sabedoria de Sileno a bradar “Ai deles! Ai deles!”, contra os serenojoviais olímpicos. O indivíduo com todos os seus limites e medidas, afundava aqui no auto esquecimento do estado dionisíaco e esquecia os preceitos apolíneos. O *desmedido* revelava-se como a verdade, a contradição, o deleite nascido das dores, falava por si desde o coração da natureza. E foi assim que, em toda parte onde o dionisíaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado. [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 38)

Com a chegada do efeito dionisíaco, os preceitos apolíneos foram sendo esquecidos, pois, não havia mais a necessidade de falsear a realidade para o bem viver. Ao aniquilar o apolíneo, os gregos puderam dizer sim à vida, mesmo com todos

---

<sup>11</sup> Simbolizado por Dioniso, o deus da fertilidade, do vinho, dos excessos e transbordamentos. Simboliza o momento em que a individualidade é desfeita, em que os aspectos ilusórios não são mais vistos.

<sup>12</sup> “É pensado por Nietzsche a partir do culto das bacantes: cortejos orgiásticos de mulheres que, em transe coletivo, dançando, cantando e tocando tamboris em honra de Dioniso, à noite, nas montanhas, invadiram a Grécia vindos da Ásia. Em vez de um processo de individuação, trata-se de uma experiência de reconciliação das pessoas e com a natureza, uma harmonia universal, um sentimento místico de unidade. A experiência dionisíaca é a possibilidade de escapar da divisão, da individualidade, e se fundir ao uno, ao ser; é a possibilidade de integração da parte da totalidade. [...]” (MACHADO, 2005, p. 08)

os problemas mais duros e estranhos que por vezes acometem os indivíduos, pois, não era mais necessário mascarar as “verdades” existentes.

A arte dionisíaca marca o processo de negação do indivíduo, momento em que se rompe, destrói, despedaça todas as aparências colocadas como meio de sustentação da vida. Aqui, o véu de ilusões é abandonado para que possa aparecer a realidade sem mascaramentos. É nesse momento que o homem desperta, que ocorre a união entre o homem e a natureza, marcando a volta para o princípio<sup>13</sup>.

A partir dessa ruptura, o homem consegue enxergar tudo ao seu redor e isso lhe causa estranheza, sendo inundado pelos mais diferentes sentimentos. É com a arte dionisíaca que o homem percebe que não existem barreiras existentes entre os indivíduos, e, as emoções voltam a aflorar cada vez mais, fazendo-o perder a consciência de si e se vê ao mesmo tempo, pertencente ao mundo em que o mascaramento da verdade passa a ser inexistente. Assim, é dado espaço para que o homem viva a dualidade da existência entre a harmonia e a desarmonia, entre amar e odiar, entre a dor e o prazer, entre o construir e o destruir, entre o bem e o mal, entre a vida e a morte.

[...] Agora não há mais consolo que adiante, o anelo vai além de um mundo após a morte, além dos próprios deuses; a existência, com seu reflexo resplendente nos deuses ou em um além-mundo imortal, é denegada. Na consciência da verdade uma vez contemplada, o homem vê agora, por toda parte, apenas o aspecto horroroso e absurdo do ser, agora ele compreende o que há de simbólico no destino de Ofélia, agora reconhece a sabedoria do deus dos bosques, Sileno: isso o enoja (NIETZSCHE, 2007, p. 53)

Aqui, o homem se vê frente ao absurdo do ser e isso o machuca, o perturba, o corrói, lhe enche de desgosto. Com o afastamento das ilusões que o cercam, ele se

---

<sup>13</sup> “[...], mas para, além do pavor e da compaixão, *ser em si mesmo* o eterno prazer do vir a ser – esse prazer que traz em si também o *prazer no destruir...*” (NIETZSCHE, 2008, p. 61)

depara com a “embriaguez do sofrimento” da arte dionisíaca, que destrói a criação do “mundo verdadeiro” oferecido pelo apolíneo.

O objetivo do dionisíaco é buscar transformar o próprio sentimento de desgosto, os pensamentos intempestivos, o absurdo da existência, em maneiras possíveis de serem vividas e encaradas da forma que são, sem precisar utilizar o filtro da beleza e da ilusão para suportar os conflitos vivenciados.

Mais uma vez, a arte<sup>14</sup> se confirma como um modo de salvação em que ajudou os gregos a se restituírem e a viver de maneira mais sublime. Primeiro, a arte apolínea os ajudou a superarem o sofrimento e os horrores da existência com a presença dos deuses oníricos e a criação de um “mundo verdadeiro” composto por belas formas. Do outro lado, a presença da arte trágica, a arte dionisíaca, deixando de lado a presença onírica, a ilusão, os falseamentos, e, os ensinando a conviverem com os terrores da existência sem precisar mascarar para poder suportá-las.

Surge uma nova arte, representando um momento importante para a civilização grega em que não há divisões entre o apolíneo e o dionisíaco, momento de reconciliação entre esses dois elementos artísticos, vistos como formas essenciais para contornar as situações vivenciadas pelos gregos. Mas, essa aproximação entre esses dois instintos artísticos, só se tornou possível, graças a arte trágica, em que foi possível controlar o que existe de desmesurado no dionisíaco, reprimindo os elementos destruidores e ensinando-o por meio do apolíneo, as transformações necessárias dentro da arte.

A arte trágica possibilita, assim, a união entre essência e aparência. Sendo capaz de articular os dois instintos, os dois impulsos, as duas pulsões

---

<sup>14</sup> “Aqui, neste supremo perigo da vontade, aproxima-se, qual feiticeira da salvação e da cura, a *arte*; só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas, o *sublime*, enquanto domesticação artística do horrível, e o *cômico*, enquanto descarga artística da náusea do absurdo. [...]” (NIETZSCHE, 2007, p.53)

artísticas da natureza, ao apresentar em imagens os estados dionisíacos, a tragédia não se limita, como a poesia épica, à aparência: dá uma experiência trágica da essência do mundo. Só que essa união, ela a estabelece através de um conflito. A tragédia representa o conflito entre o apolíneo e o dionisíaco, entre o *principium individuationis* e o uno originário; ou, mais precisamente, ela representa a derrota do saber apolíneo e a vitória do saber dionisíaco, ao fazer da individuação um mal e a causa de todo sofrimento. [...] (MACHADO, 2017, p. 37 - 38)

Desse modo, o intuito da arte trágica é buscar proporcionar aos indivíduos as sensações tais como elas são, é demonstrar que o sofrimento faz parte da vida, porém, mesmo com todas as dificuldades, ainda é possível vivenciar momentos alegres, uma alegria sem exigência de mascaramento da dor, pois, o objetivo é demonstrar que há uma resistência ao próprio sofrimento, que é possível equilibrar todas as situações experimentadas entre a ilusão e a verdade, entre a aparência e a essência.

## 2. NIETZSCHE CONTRA SÓCRATES

A tragédia grega, após atingir o seu estado de perfeição em um breve momento, que resultou na união dos elementos estéticos dionisíaco e apolíneo, que representavam a união da embriaguez e da forma, e, possibilitava ao homem uma experiência de vida poderosa, aos poucos começa a entrar em declínio<sup>15</sup> e de forma gradual desaparece do cenário cultural grego, devido a introdução do racionalismo socrático que buscava suprir o trágico em prol de uma afirmação racionalista<sup>16</sup>.

O equilíbrio entre o Apolo e o Dionísio é o que possibilitava, e ainda possibilita, a constante manutenção do processo estético. No entanto, segundo Nietzsche, surgiu um tipo de pensamento, que ele denomina de perverso, na Grécia antiga, que estancaria o fluxo constante de uma das forças, destituindo uma das dimensões estéticas, e relevando somente aquela que prezava inteiramente pela imersão na sua individualidade, ou seja, na sua própria razão. [...] (KOEHLER; CANDELORO, 2012, p. 130)

Com a decadência da arte trágica, os gregos se viram órfãos novamente de um elemento que os ajudassem na condução da vida. Com as forças artísticas sendo destituídas do saber grego, a arte deixa de ser guiada pelos instintos, para ser enquadrada em uma concepção totalmente racionalista em que o pensamento e o conceito passaram a ser os novos elementos, caracterizando uma arte que derivasse da capacidade crítica<sup>17</sup>.

Em o *Nascimento da tragédia* a questão que surge é compreender a tragédia partindo das críticas nietzschianas a Sócrates e as compreensões do seu surgimento

---

<sup>15</sup> “A tragédia grega sucumbiu de maneira diversa de todas as outras espécies de arte, suas irmãs mais velhas; morreu por suicídio, em consequência de um conflito insolúvel, portanto tragicamente, ao passo que todas as outras expiraram em idade avançada, com a mais bela e tranquila morte. [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 69-70)

<sup>16</sup> “Quando a racionalidade faz uma crítica explícita à criação artística na perspectiva da consciência, quando toma como critério o grau de clareza do saber, a tragédia será desclassificada como irracional ou como desproporcional [...]” (MACHADO, 2017, p. 45)

<sup>17</sup> Para Nietzsche, a arte era vista como um elemento preciso, pois, era ela que caracterizava a existência humana, era ela que fornecia os direcionamentos necessários.

até o seu aniquilamento. E, ainda, Nietzsche nos concebe explicações, enfatizando que a morte do elemento trágico pela ironia socrática, assinalou a ruptura com a embriaguez dionisíaca, partindo-se da relação entre a filosofia de Sócrates e a arte de Eurípides:

[...] Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através de um poder demoníaco que falava pela boca de Eurípides. Também Eurípides foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado SÓCRATES. Eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia grega foi abaixo. Ainda que Eurípides procure nos consolar com sua retratação, não consegue: o mais esplendido templo jaz em ruínas; [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 76-77)

Primeiramente, é por meio de Eurípides que o poeta e as peças teatrais começam a apresentar o elemento racional e uma arte totalmente conscientizada em que se deveria instituir a capacidade crítica, dando início ao “socratismo estético”<sup>18</sup>, momento em que a arte se desvincula de seu caráter original e passa a ser subordinada pela consciência, razão, lógica, devendo ser adotada por todos os homens da época<sup>19</sup>. A partir desse momento, são esses novos elementos que passam a caracterizar o que pode ser belo e necessário de forma consciente e racional.

[...] Completamente diverso era o modo de Eurípides refletir. O efeito da tragédia jamais repousava sobre a tensão épica, sobre a estimulante incerteza acerca do que agora e depois iria suceder, mas antes sobre aquelas cenas retórico-líricas em que a paixão e a dialética do protagonista se acaudalavam em largo e poderoso rio. Tudo predispunha para o *pathos* e não para a ação, e aquilo que não predispunha ao *pathos* era considerado reprovável. (NIETZSCHE, 2007, p. 79)

Para Nietzsche, a tragédia grega tinha como característica o saber da unidade da vida e da morte, aquilo que possibilitava uma compreensão essencial de mundo,

<sup>18</sup> “[...] Cujá suprema lei soa mais ou menos assim: tudo deve ser inteligível para ser belo, como sentença paralela à sentença socrática: só o sabedor é virtuoso.” (NIETZSCHE, 2007, p. 78)

<sup>19</sup> Nietzsche, caracteriza esse momento como uma “tendência de Eurípides”, em que a tragédia é reconstituída, e passa a retratar o mundo não-trágico, ou seja, tanto o apolíneo quanto o dionisíaco somem deste cenário.

porém, com a introdução do socratismo através de Eurípides<sup>20</sup> e a ascensão da dialética, os instintos gregos foram sendo esquecidos. Nietzsche, ainda ressalta, que Sócrates compreendeu a tragédia de maneira errada, achando-a irracional, sem fundamentos, algo que deveria ser ignorado, e, portanto, que não deveria ser levado a sério<sup>21</sup>.

[...] o socratismo condena tanto a arte quanto as éticas vigentes; para onde quer que se dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a falta de compreensão e o poder de ilusão; dessa falta, infere a íntima insensatez e a detestabilidade do existente. A partir desse único ponto julgou Sócrates que devia corrigir a existência: ele, só ele, entra com ar de menosprezo e de superioridade, como precursor de uma cultura, arte e moral totalmente distintas, em um mundo tal que seria por nós considerado a maior felicidade agarrar-lhe a fímbria com todo o respeito. Eis a extraordinária perplexidade que a cada vez se apodera de nós em face de Sócrates, que nos incita sempre de novo a reconhecer o sentido e o propósito desse fenômeno, o mais problemático da Antiguidade. [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 82-83)

De maneira insensata o socratismo despreza a arte e seus instintos, nega a sabedoria instituída pela arte<sup>22</sup>, e comporta-se como um fenômeno que irá “corrigir a existência”, tudo em busca de um saber consciente, em que a consciência se torna o elemento principal. Assim, ao passo que a arte trágica é aniquilada da sabedoria grega, inicia-se a busca por um conhecimento que se apresente de maneira concreta e segura, culminando no surgimento do homem teórico.

Com a destruição da tragédia grega, o homem teórico parte em busca de uma verdade concreta, entretanto, essa busca pela verdade, resulta em um fator ilusório,

---

<sup>20</sup> “[...] Ele observou durante muito tempo, da maneira mais penetrante, que abismo se abria entre uma tragédia e o público ateniense. Aquilo, que era para o poeta o mais alto e o mais difícil, não era sentido pelo espectador absolutamente como tal, mas como algo indiferente. Muitas casualidades, que absolutamente não acentuadas pelo poeta, atingiam a massa com súbito efeito. Na reflexão sobre esta incongruência entre a intenção poética e o seu efeito, ele chegou pouco a pouco a uma forma de arte, cuja lei principal era ‘tudo precisa ser racional para que possa ser entendido’. Agora cada parte seria levada diante do tribunal desta estética racionalista: o mito antes de todas, os personagens principais, a estrutura dramática, a música coral, por último e mais decididamente a linguagem. [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 39)

<sup>21</sup> Para Sócrates, a arte trágica desviava o homem do caminho da verdade.

<sup>22</sup> Sabe-se que ao longo do tempo, a arte foi vista como um “antídoto” contra os horrores experimentados pelos gregos.

isto é, a “ilusão metafísica” que se encontra estritamente ligada à ciência. A “ilusão metafísica”, institui uma crença no conhecimento<sup>23</sup> e cria rupturas em torno do entendimento humano, pois, começam a crer que somente o conhecimento é capaz de penetrar de maneira lógica na essência dos fenômenos, separando a verdade da aparência.

Assim, surge uma arte inteiramente “consciente” em que a música se torna dependente da palavra, deixando seu aspecto originário de lado. Os mitos passam a ser subordinados ao entendimento da plateia, buscando relatar acontecimentos cotidianos, demonstrando que somente através do uso da palavra como ocorre na dialética platônica, se torna possível alcançar a verdade. Nesse momento, a dialética<sup>24</sup> torna-se superior a arte, deixando o sentido estético da vida de lado para dar espaço a um sentido moral.

[...] a dialética otimista, com o chicote de seus silogismos, expulsa a *música* da tragédia: quer dizer, destrói a essência da tragédia, essência que cabe interpretar unicamente como manifestação e configuração de estados dionisíacos, como simbolização visível da música, como o mundo onírico de uma embriaguez dionisíaca. (NIETZSCHE, 2007, p. 87 - 88)

Sócrates afasta qualquer concepção que esteja direcionado para os efeitos estéticos pautados no dionisíaco e o apolíneo, causando negações a esses padrões artísticos dos gregos, assim, com a construção de uma consciência teórica, os

---

<sup>23</sup> “[...] Enquanto, em todas as pessoas produtivas, o instinto é justamente a força afirmativa-criativa, e a consciência se conduz de maneira crítica e dissuasora, em Sócrates é o instinto que se converte em crítico, a consciência em criador – uma verdadeira monstruosidade *per defectum!* [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 83)

<sup>24</sup> “A dialética, fruto da maiêutica de Sócrates, acabou por conceber a arte como uma mera síntese lógica, uma consequência de uma intenção racional. Essa unilateralidade que foi desvelada por Sócrates apontou uma tendência pelos próximos séculos, tanto que, durante toda a Idade Média, a arte estava a serviço de uma moral da Igreja e dos poderosos, e não podia se desviar dessa lógica, muitas vezes, sob pena de morte”. (KOEHLER; CANDELORO, 2012, p. 132 - 133)

homens passaram a questionar sua própria existência, modificando todo o mundo aparente que não estava mais pautado nos ideários artísticos.

Todo esse debate em torno da figura de Sócrates, continua sendo debatido em o *Crepúsculo dos ídolos*, no capítulo “O problema de Sócrates”, na qual Nietzsche instaura uma crítica à filosofia socrática, assim, como fizera em o *Nascimento da tragédia*. No *Crepúsculo dos ídolos*, Sócrates é definido como o sintoma de uma inversão de valores que ocorreu no mundo grego, pois, ao adoecer aqueles indivíduos com a criação do racionalismo socrático e por conseguinte a ascensão da dialética, os impulsos helênicos foram sucumbidos<sup>25</sup>.

Nietzsche, elabora uma crítica aos sistemas morais e filosóficos que foram sendo construídos e enraizados durante o aniquilamento da arte trágica, sendo denominados de juízos de valores que serviriam para julgar os indivíduos, mas, para ele, esses juízos eram apenas sintomas decadentes que não possuíam nenhuma valia para julgamentos e muito menos deveriam ser considerados verdadeiros.

[...] Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas — em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa finesse [finura], a de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo. — Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema é até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não-sabedoria. [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 15)

---

<sup>25</sup> “Embora exista uma evidente ligação entre a análise de Sócrates efetuada no *Nascimento da tragédia* com a análise operada no *Crepúsculo dos ídolos*, é pertinente recordar que são momentos distintos do pensamento nietzschiano. O Sócrates duramente criticado pelo jovem Nietzsche no *Nascimento da tragédia* compreendia o projeto da metafísica do artista, com o qual Nietzsche esperava um renascimento do espírito trágico na Europa, ou seja, Nietzsche acreditava no fim do “tempo socrático” e, com isso, no renascimento da tragédia. Já no “Problema de Sócrates”, Nietzsche, não mais influenciado pela metafísica do artista de matiz schopenhaueriana, deixa de se referir a um renascimento da tragédia; o que está em jogo é uma eminente guerra contra os ídolos, ou, conforme elucidado em *Ecce homo*, às velhas verdades. Para tanto, convicto de que Sócrates é o modelo da condição fisiológica decadente dos grandes sábios, Nietzsche analisa aquilo que chamou de sintomas da decadência socrática; propondo uma fisiologia da arte, baseada na noção de vontade de potência.” (MENEHATTI, 2014, p. 24 - 25)

Ao expor os juízos decadentes, Nietzsche procura romper com a metafísica tradicional, e, ao mesmo tempo, busca quebrar todas as velhas verdades que foram sendo perpetuadas como “verdades absolutas”. Além disso, Nietzsche<sup>26</sup> se sente responsável em propor novos caminhos e propõe um novo tipo de cultura.

Mas, enquanto essa nova cultura não é firmada, caminha-se rumo a decadência que já havia sido instaurada. Para Sócrates, era necessário reformular a existência, corrigir, pois, de acordo com seu entendimento, era preciso que os indivíduos domesticassem os seus instintos de forma racional, colocar os juízos de valores acima. Nietzsche enfatiza que tais juízos são meros desvaneios criados, porém, esses juízos correspondentes à vida que são apresentados como sintomas da decadência, são firmados através de um elemento que busca se firmar através da racionalidade: a dialética.

Com Sócrates, o gosto grego se altera em favor da dialética, que acontece aí propriamente? Sobretudo, um gosto *nobre* é vencido; com a dialética, a plebe se põe em cima. Antes de Sócrates se rejeitava, na boa sociedade, as maneiras dialéticas: eram tidas como más maneiras, eram comprometedoras. A juventude era advertida contra elas. Também se desconfiava de toda essa exibição dos próprios motivos. Coisas de respeito, com homens de respeito, não trazem assim na mão os seus motivos. [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 16)

Nietzsche se mostra inconformado com os rumos que foram sendo tomados. Se no primeiro momento a dialética é recusada, abominável aos olhos da sociedade, pois, era vista como um método de elucidação, falsificação, irônico; no segundo momento temos a dialética sendo inserida no campo do saber grego, em consequência da queda do elemento trágico.

---

<sup>26</sup> “[...] E, em toda a seriedade, ninguém antes de mim conhecia o caminho reto, o caminho para cima: apenas a partir de mim há novamente esperanças, tarefas, caminhos a traçar para a cultura – eu sou o alegre mensageiro... Exatamente por isso sou também um destino.” (NIETZSCHE, 2008, p. 94)

O que fez da cultura clássica dos gregos uma realização imperecível foi então uma fidelidade entranhada a um passado que lhe era caro e a consciência viva e imperiosa de que, para ser preservado, esse passado deveria ser violentado através da aliança com forças que lhe eram contrárias e para as quais pareciam estar reservadas as promessas do futuro. Essas forças naturalmente eram constituídas pelo avanço irresistível do espírito racional a que os filósofos jônicos tinham dado início. Elas invadiam todos os aspectos da atividade humana, quer na vida privada, quer na vida pública. Representavam, na realidade, um elemento corrosivo, que minava lenta, mas seguramente os alicerces de um passado glorioso. (MELLO, 1993, p. 143 - 144)

Tornava-se perturbador toda aquela glorificação pelo espírito racional que tempos atrás, já havia deixado marcas, já era visto como algo invasivo, corrosivo, destruidor. Sócrates soube se fazer, mesmo sabendo que esse “novo aspecto” era corrosivo, aliou-se a ele e o colocou como o responsável para assegurar aquele povo.

Eis, a pergunta que expressa todo o descontentamento de Nietzsche pelos novos rumos: “[...] *Sócrates foi o palhaço que se fez levar a sério*: que aconteceu aí realmente?” (NIETZSCHE, 2017, p. 16). A resposta é fornecida afirmando que quando não existe outra ferramenta para guiar o homem, a dialética é escolhida. Se antes a arte era vista como um remédio, um antídoto, capaz de curar. Agora, é a dialética que assume esse lugar, assume o controle, apresenta-se como a nova bússola daquele povo, mostra-se capaz de corresponder todas as dúvidas existentes, apresenta-se como um instrumento capaz de libertar o indivíduo do seu estado inquieto.

Mas, Sócrates intuiu algo mais. Ele enxergou por trás de seus nobres atenienses; entendeu que seu próprio caso, sua idiossincrasia de caso já não era exceção. A mesma espécie de degenerescência já se preparava silenciosamente em toda parte: a velha Atenas caminhava para o fim. - E Sócrates entendeu que o mundo inteiro dele necessitava de seu remédio, seu tratamento, seu artifício pessoal de autopreservação.... Em toda parte, os instintos estavam em anarquia; em toda parte se estava a poucos passos do excesso: *o monstro in animo era o perigo geral*. “Os instintos querem fazer o papel de tirano; deve-se inventar um *contratirano* que seja mais forte...” [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 17)

Ao perceber que a velha Atenas estava caminhando para o fim e que os instintos estavam entrando em decadência, a dialética é apresentada por Sócrates<sup>27</sup> como forma de restituir a sociedade grega, apresentando-se como uma nova forma de suportar a existência. Assim, a racionalidade passa a ser o elemento chave da cultura helênica, substituindo os instintos humanos.

[...] A racionalidade foi então percebida como *salvadora*, nem Sócrates nem seus “doentes” estavam livres para serem ou não racionais – isso era *de rigueur* [obrigatório], era seu *último* recurso. O fanatismo com que toda a reflexão grega se lança à racionalidade mostra uma situação de emergência: estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou – ser *absurdamente racionais*... O moralismo dos filósofos gregos a partir de Platão é determinado patologicamente; assim também a sua estima da dialética. Razão = virtude = felicidade significa tão só é preciso imitar Sócrates e instaurar permanentemente, contra os desejos obscuros, uma luz diurna – a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, límpido a qualquer preço: toda concessão aos instintos, ao inconsciente, leva *para baixo*... (NIETZSCHE, 2017, p. 18)

Não havia mais escolha, o único jeito de não sucumbirem era aceitar a dialética como a grande salvadora e reprimir todos os instintos, que naquele momento representavam a pura decadência do homem<sup>28</sup>. Negar os instintos era a única forma de fazer prevalecer a racionalidade e emergir o homem teórico que se pauta numa “ilusão metafísica”, crendo que tudo deriva da racionalidade para a afirmação do ser.

Mas, por mais que naquele momento a razão fosse vista como a expressão máxima para escapar da decadência, Nietzsche afirma que seu efeito não se perdeu por muito tempo, ao invés de eliminar aquilo que era visto como decadente, apenas

---

<sup>27</sup> “Sócrates viveu durante um momento da história grega em que todas as energias espirituais daquele grande povo se concentravam para dar o passo que lhes asseguraria a imortalidade, embora os conduzisse também, sem possibilidade de retorno, a uma situação de desastre e de catástrofe. O que caracterizou esse momento crucial para a história de toda a humanidade foi a simultaneidade de uma percepção aguda das riquezas do passado e de uma obediência humilde aos imperativos do futuro. [...]” (MELLO, 1993, p. 143)

<sup>28</sup> “[...] “virtude é saber; só se peca pela ignorância; o virtuoso é o mais feliz”; nessas três fórmulas básicas jaz a morte da tragédia. Pois agora o herói virtuoso tem de ser dialético; agora tem de haver entre virtude e saber, crença e moral, uma ligação obrigatoriamente visível; [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 87)

foi mudado sua expressão. Ao invés de retornar para a virtude, felicidade, criou-se uma resistência a esses instintos o que para Nietzsche culminou em outra doença, um outro estado decadente, e, assim pontua: “[...] eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual instinto.” (NIETZSCHE, 2017, p. 18).

O que poderia ter se constituído como elemento salvador, tornou-se a grande causa para a difusão de algo mais perigoso. O mesmo mal que Sócrates sofreu de negar os instintos humanos, foi repassado para a sociedade ateniense, e assim ambos sucumbiram, “Sócrates *queria* morrer: - não Atenas, mas *ele* deu a si o veneno, ele forçou Atenas ao veneno... Sócrates não é um médico”, disse para si em voz baixa, “apenas a morte é médica aqui... Sócrates apenas esteve doente por longo tempo...” (NIETZSCHE, 2017, p. 19).

Assim, o saber trágico é vencido por uma crença na verdade, por uma “ilusão metafísica” que se firmou sendo capaz de separar verdade e aparência, penetrando de forma consciente na essência das coisas. Desse modo, no próximo tópico, será exemplificado a respeito da crítica à verdade, na qual, a busca pela verdade passa a ser vista como o valor supremo.

### 3. NIETZSCHE, LINGUAGEM E O PROBLEMA DA VERDADE

O homem, ao se ver afastado dos seus instintos que por um certo período esteve conectado com as forças artísticas, vê a necessidade de produzir o conhecimento como forma de receber os mecanismos necessários para a sobrevivência. Ao passo que o conhecimento é inventado, o homem parte em busca de verdades que venham lhe assegurar diante do mundo.

Para Nietzsche, o surgimento das verdades que são materializadas através do homem, são vistas como elementos para atribuir significados e divinizar as coisas, dessa forma, atribuindo ao homem o sentimento de superioridade, conhecimento, duração, estabilidade.

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, Nietzsche expõe sua compreensão em torno do intelecto, que forja a crença em um “conhecimento concreto” afim de priorizar as noções aptas a assegurar a vida em gregariedade, além de expor a interação que ocorre com o uso da linguagem e seus mecanismos utilizados como forma de conservação<sup>29</sup> do indivíduo. É dessa maneira que Nietzsche inicia seu texto *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* referenciando à efemeridade do intelecto humano.

EM ALGUM REMOTO recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da “história universal”: mas, no fim das contas, foi apenas um minuto. Após alguns respiros da natureza, o astro congelou-se, e os astuciosos animais tiveram de morrer. Alguém poderia, desse modo, inventar uma fábula e ainda assim não teria ilustrado suficientemente bem quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza; houve eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido.

<sup>29</sup> “[...] Este impulso que age igualmente nos homens mais elevados e nos mais vis, o impulso à conservação da espécie, surge de tempo em tempo como razão e paixão do espírito; traz então um esplêndido cortejo de motivos ao redor, e com toda a força quer fazer esquecer que no fundo é impulso, instinto, tolice, ausência de motivo [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 51)

Pois, para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana. Ele é, ao contrário, humano, sendo que apenas seu possuidor e gerador o toma de maneira tão patética, como se os eixos do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos pôr-nos de acordo com o mosquito, aprenderíamos então que ele também flutua pelo ar com esse *pathos* e sente em si o centro esvoaçante deste mundo. Na natureza, não há nada tão ignóbil e insignificante que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não inflasse, de súbito, como um saco; e assim como todo carregador de peso quer ter seu admirador, o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, acredita ver por todos os lados os olhos do universo voltados telescopicamente na direção de seu agir e pensar. (NIETZSCHE, 2008, p. 25 - 26)

A invenção do conhecimento<sup>30</sup>, partiu-se de um momento audacioso, o seu surgimento significava a conservação dos indivíduos, mas, era impossível considerar o conhecimento superior aos instintos artísticos. De todo modo, esse “um minuto” foi o suficiente para o homem adquirir consciência, colocar o conhecimento como parte da vida e passar a se ver como centro do mundo, como conhecedor de todas as coisas e de si mesmo, porém, era apenas um engano, era ilusão, dissimulação do intelecto<sup>31</sup> humano falseando as sensações e iludindo quanto ao valor da existência.

A consciência é o último e derradeiro desenvolvimento orgânico e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte. Do estado consciente vem inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário, “contrariando o destino” como diz Homero. Não fosse tão mais forte o conservador vínculo dos instintos, não servisse no conjunto como regulador, a humanidade pereceria por seus juízos equivocados e seu fantasiar de olhos abertos, por sua credulidade e improfundidade, em suma, por sua consciência. [...] (NIETZSCHE, 2012, p. 61)

A consciência, vista como um desenvolvimento orgânico, aponta para uma imposição provisória de uma duração e pela busca incessante por domínio. A

---

<sup>30</sup> “Durante enormes intervalos de tempo, o intelecto nada produziu senão erros; alguns deles se revelaram úteis e ajudaram a conservar a espécie: quem com eles deparou, ou os recebeu como herança, foi mais feliz na luta por si e por sua prole. [...] somente muito depois apareceu a verdade, como a mais fraca forma de conhecimento. [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 127 - 128)

<sup>31</sup> “[...] O intelecto, esse mestre da dissimulação, acha-se, pois, livre e desobrigado de todo seu serviço de escravo sempre que pode enganar sem causar *prejuízo*, e festeja, então, suas Sartunais; nunca ele é mais opulento, rico, orgulhoso, versátil e arrojado. [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 47)

consciência juntamente com a linguagem provoca diversas interpretações que buscam favorecer o indivíduo, na qual o jogo de forças venha sempre atuar na conservação<sup>32</sup> e regulação da vida em gregriedade.

Consciência e linguagem<sup>33</sup> são vistas como fatores que foram determinados pela necessidade de comunicação e pela busca de construir uma identidade. A linguagem, vista como um instrumento privilegiado que expressa os pensamentos e necessária para a convivência em grupo, aliou-se a consciência, sendo justificada pela maneira como o homem sente e pensa sobre si mesmo, estando condicionado pelas estruturas da linguagem e conseqüentemente, pelo ato de conservação.

O que sabe o homem, de fato, sobre si mesmo! [...] Não se lhe emudece a natureza acerca de todas as outras coisas, até mesmo acerca de seu corpo, para bani-lo e trancafiá-lo numa consciência orgulhosa e enganadora, ao largo dos movimentos intestinais, do veloz fluxo das correntes sanguíneas e das complexas vibrações das fibras! Ela jogou fora a chave: e coitada da desastrosa curiosidade que, através de uma fissura, fosse capaz de sair uma vez sequer da câmara da consciência e olhar para baixo, pressentindo que, na indiferença de seu não-saber, o homem repousa sobre o impiedoso, o voraz, o insaciável. [...] (NIETZSCHE, 2008, p. 28)

Em busca de uma estabilidade e vivendo com as superficialidades da existência, o homem encontra-se mergulhado em ilusões. Ao tentar mutar a vida e iludido pelo valor da existência por uma busca pela verdade, é perceptível que o indivíduo para se autopreservar de seus semelhantes e manter sua superioridade, utiliza-se do intelecto apenas para dissimular e falsear as relações, pois “[...] ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, por necessidade e tédio, ele

---

<sup>32</sup> “A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele, é talvez nesse ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie; [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 11)

<sup>33</sup> “Pressupondo-se que a linguagem precede a consciência e pode ser entendida como uma designação com o propósito de um entendimento, deve-se tirar a conclusão de que o homem não pode ser retirado do círculo de seu horizonte de entendimentos para se reportar a um ser em si mesmo que preceda o entendimento. [...]” (WISCHKE, 2005, p. 35)

necessita de um acordo de paz [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 29). Através disso, o homem fixa-se na busca pela verdade<sup>34</sup>. Conseqüentemente, a linguagem junto com o intelecto, oferecem as primeiras designações da “verdade”, que são alcançadas pelo uso de signos linguísticos, possibilitando a abertura para o que é verdade e mentira.

É sobre esse fundo de mentira que vai ser formulada a questão da verdade no estado de sociedade. Para instaurar a paz ou fazer desaparecer o aspecto mais brutal da guerra de todos contra todos, são fixadas leis da verdade a partir das leis da linguagem: são essas leis que instituem pela primeira vez a oposição entre verdade e mentira. [...]. (MACHADO, 2017, p. 55 – 56)

A verdade tornou-se necessária para o homem, passando a ser inserida em tudo aquilo que o cercava. Ela não pode ser vista como uma adaptação do intelecto à realidade, mas, é apenas o resultado de uma necessidade, de uma convenção imposta com o objetivo de facilitar a vida em sociedade. Desta maneira, é vista como uma ilusão, uma ficção que se tornou fundamental para guiar o homem em suas relações sociais.

O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel [valor] e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas. [...] (NIETZSCHE, 2008, p. 36)

Através dos signos linguísticos, o homem passou a crer que poderia saber de todas as coisas, ele não se contentou em apenas designar, mas, acreditou que poderia dominar tudo ao seu redor, e, assim construiu uma crença na verdade. Esta

---

<sup>34</sup> “[...] Ele quer as conseqüências agradáveis da verdade, que conservam a vida; frente ao puro conhecimento sem conseqüências ele é indiferente, frente às verdades possivelmente prejudiciais e destruidoras ele se indispõe com hostilidade, [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 30)

crença, dar abertura para o surgimento da verdade da linguagem<sup>35</sup> que se instituiu como o novo patamar na vida do ser humano, pois, através da linguagem era possível criar um “mundo” capaz de oferecer estabilidade e duração para suportar as manifestações da vontade de verdade.

Vós que sois os mais sábios, “vontade de conhecer a verdade” é o que chamais àquilo que vos impede e faz com que o vosso ardor cresça? Vontade de conceitabilidade de que tudo possa ser existente: assim chamo *eu* vosso desejo! (NIETZSCHE, 2012, p. 114)

Nietzsche, ao fazer uma crítica a vontade de verdade, exemplifica que ela resulta no surgimento de uma vida completamente diferente da existente, visando não permanecer as coisas como elas são, mas modificá-las. Para convencer, o conhecimento forja a concepção identitária de que a vida existente não apresenta os mecanismos necessários para a vivência. A vontade de verdade sempre vai querer algo a mais, ela não é neutra, ela busca a transformação da vida, o seu desejo é o surgimento de um outro mundo, visando um mundo de permanência que se materializa na linguagem a partir dos conceitos produzidos pelo conhecimento que se sustentam na crença da verdade.

Assim, através desta crença nos conceitos criados pelo conhecimento, a noção de identidade é cristalizada. Essa busca por uma identidade, surge como uma necessidade de duração, de algo hegemônico, transformador. Ao mesmo tempo, comporta-se como uma recusa em afirmar o caráter essencial da vida que é vontade de potência/poder.

---

<sup>35</sup> “O movimento de análise do conceito de verdade em Nietzsche passa necessariamente por uma análise da linguagem e, conseqüentemente, também dos povos e da cultura. Com o enquadramento da verdade no âmbito da linguagem, o filósofo compreende que a possibilidade do conhecimento verdadeiro depende da possibilidade de a língua dizer a verdade; e, com o enquadramento da verdade no âmbito das relações humanas, o filósofo deixa entrever que a verdade é, no limite, uma convenção social, portanto, moral.” (MOREIRA, 2013, p. 276 – 277)

[...] é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem “efeitos”, vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade. – Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de poder, como é *minha tese* -; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição – é um só problema -, então se obteria o direito de definir toda *força* atuante, inequivocamente, como vontade de poder. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu “caráter inteligível” – seria justamente “vontade de poder”, e nada mais. – (NIETZSCHE, 2005, p. 40)

Para Nietzsche, a vontade é insaciável, é vista como um jogo de forças em que vontade atua sobre vontade, fazendo com que a mais forte prevaleça. A potência/poder não deve ser justificada como um elemento que busca potencializar forças, mas, a capacidade de dizer sim, a capacidade de fazer com que o homem expanda seu domínio, pois, o homem não quer apenas conservar-se, ele quer dominar, criar conceitos, valores, dar sentido a vida através desta vontade de potência/poder.

Com a busca pela dominância, criação de novos valores, Nietzsche enfatiza que os valores humanos são niilistas e que eles se fundamentam mediante a negação da vida existente em nome de uma outra vida, de um outro mundo<sup>36</sup>. O niilismo surge juntamente com a crença na racionalidade.

É com o nascimento dos signos linguísticos e a possibilidade de representar, que o homem construiu a sua primeira morada para se fixar, e, ao acreditar no poder das palavras como verdades, e no seu poder de nomear, a crença no conhecimento se tornou possível<sup>37</sup>. Assim, para Nietzsche, as palavras<sup>38</sup> são apenas nomes,

<sup>36</sup> [...] o que fundamenta o niilismo é, antes de tudo, a negação da vida em nome de uma outra vida, de um outro mundo. (MOSE, 2018, p. 38)

<sup>37</sup> O conhecimento é todo fundamentado na linguagem.

<sup>38</sup> “[...] O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em sons. Mas deduzir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é o resultado de uma aplicação falsa e injustificada do princípio de razão. [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 30)

designações que foram sendo feitas ao longo do tempo, que só podem referir-se as relações entre as coisas e o próprio homem, e não às próprias coisas.

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com o que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência. Da *crença na verdade encontrada* fluíram, aqui também, as mais poderosas fontes de energia. Muito depois – somente agora – os homens começam a ver que, em sua crença na linguagem, propagaram um erro monstruoso. [...] (NIETZSCHE, 2005, p. 20 – 21)

A linguagem é relacionada com as atividades metafóricas que o indivíduo estabelece com o mundo, sendo vista como uma atividade própria de todas as manifestações existentes. A identidade que é adquirida neste caráter metafórico, torna-se necessária para à comunicação, pois, produz uma crença na verdade, deste modo, o mundo da identidade e da verdade teria apenas se formado quando um determinado sistema metafórico precisou ser imposto a todos, como uma necessidade conferida pela vida em rebanho.

[...] A linguagem não é qualquer espelhamento do mundo objetivo, real, verdadeiro ou factual, mas uma vocalização de nossa relação com as coisas na forma de metáforas. Somente o esquecimento de sua metafóricidade leva à ilusão de que a linguagem teria uma relação direta com a verdade e com a essência das coisas. Na linguagem, trata-se, em última instância, não de conhecimento, mas do modo mais elementar da autoafirmação humana no mundo, ao qual a linguagem serve na medida em que ela espelha a perspectiva na qual percebemos as coisas e as usamos para nossos propósitos. (WISCHKE, 2005, p. 35)

Com um caráter pragmático, a linguagem busca atuar na construção dos conceitos<sup>39</sup> desde o princípio e sendo usada de maneira favorável e benéfica ao homem. Sabendo-se da estreita relação estabelecida entre linguagem e metaforicidade, esse impulso penetrante no homem não pode ser negado, pois, ao renunciar as metáforas existentes, o homem estará renunciando a si mesmo.

[...] A história da linguagem é a de um processo de abreviação – com base nesse rápido entendimento as pessoas se unem, cada vez mais estreitamente. Quando é maior o perigo, maior é a necessidade de entrar em acordo, com rapidez e facilidade, quanto ao que é necessário fazer; não entender-se mal em meio ao perigo, eis o que os homens não podem dispensar de modo algum no convívio. [...] entre todas as forças que até agora dispuseram do ser humano, a mais poderosa deve ter sido a fácil *comunicabilidade* da necessidade, que é, em última instância, o experimentar apenas vivências e vulgares. [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 166)

Os grandes perigos recorrentes e as inúmeras mudanças que enfraqueciam os homens, fez com que a necessidade impusesse a vida em rebanho, estabelecendo assim comunicação e acordos que gerassem feitos positivos para as suas vivências em meio a luta pela sobrevivência. Assim, a linguagem surge a partir dos acordos que foram sendo gerados em busca da sua “verdade”, em decorrência do estado de fraqueza que os indivíduos se encontravam<sup>40</sup>.

É nesse momento, que a linguagem adquire o papel de cristalizador dos valores morais, uma vez que, a arte trágica do mundo grego sucumbiu e o homem precisou

---

<sup>39</sup> “A história da metafísica pode ser pensada, a partir de Nietzsche, como a história da produção e cristalização da noção de identidade. Os conceitos produzidos pelo conhecimento ao mesmo tempo sustentam e são sustentados pela crença em “coisas idênticas”. Esta necessidade de identidade, de unidade, de fundamento, de substância, resulta de uma recusa em afirmar o caráter da vida que é vontade de potência. É a impossibilidade de duração, própria da vida, que permanece subjacente a toda crença na verdade, na causalidade, no ser. [...]” (MOSE, 2018, p. 35)

<sup>40</sup> “A linguagem é um poderoso instrumento da vontade de potência, e pode estar a serviço tanto da afirmação como da negação. Mas foi a vontade de negação, como vontade de duração e identidade, que predominou, desde o princípio, na relação do ser humano com os signos de comunicação. Nietzsche considera a linguagem, desde o nascimento dos signos, uma configuração dominada pela vontade de verdade. [...]” (MOSE, 2018, p. 93)

firmar-se novamente, a linguagem passa a ser vista como o novo meio preciso e necessário. Os valores morais passaram a serem sustentados por uma crença na identidade, por uma crença na essência do ser, sendo colocadas como verdades concretas<sup>41</sup>. Tais ações podem ser vistas como uma forma de surtir um efeito de duração, porém, é vista como um fator negativo, pois luta contra uma mudança própria do tempo e da vida<sup>42</sup>.

Onde quer que deparemos com uma moral, encontramos uma avaliação e hierarquização dos impulsos e atos humanos. Tais avaliações e hierarquizações sempre constituem expressão das necessidades de uma comunidade, de um rebanho: aquilo que beneficia *este* em primeiro lugar – e em segundo e terceiro – é igualmente o critério máximo quanto ao valor de cada indivíduo. Com a moral o indivíduo é levado a ser função e rebanho e a se conferir valor apenas enquanto função. Dado que as condições para a preservação de uma comunidade eram muitos diferentes daquelas de uma outra comunidade, houve morais bastante diferentes; e, tendo em vista futuras remodelações essenciais dos rebanhos e comunidades, pode-se profetizar que ainda aparecerão morais muito divergentes. Moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo. (NIETZSCHE, 2012, p. 132 – 133)

A moralidade passou a se tornar o guia do homem e do rebanho na qual ele habitava. A moral, assim como o próprio homem, eram vistos como funções, e seus valores demonstrados ao passo que correspondiam as necessidades que iam surgindo. Desse modo, a funcionalidade e o valor que era instituída a moralidade, era mais significativa que os próprios instintos artísticos.

---

<sup>41</sup> “[...] A fragilidade física do ser humano, diante da exuberância plural da natureza, colocava em risco sua sobrevivência, e foi a linguagem, na medida em que permitiu o agrupamento, a reunião, que possibilitou sua afirmação como espécie, que garantiu sua perpetuação. [...] a linguagem já nasce produzindo e, ao mesmo tempo, sendo produzida por este mecanismo de simplificação e redução, de diminuição. A linguagem se confunde com a consciência. É esta trama de ferro que Nietzsche chama de metafísica, esta vontade de duração e verdade que se identifica com a própria cultura.” (MOSÉ, 2018, p. 52)

<sup>42</sup> “[...] O pensador: eis agora o ser no qual o impulso para a verdade e os erros conservadores da vida travam sua primeira luta, depois que também o impulso à verdade *provou* ser um poder conservador da vida. Ante a importância dessa luta, todo o resto é indiferente: a derradeira questão sobre as condições da vida é colocada, e faz-se a primeira tentativa de responder a essa questão com o experimento. Até que ponto a verdade suporta ser incorporada? – eis a questão, eis o experimento.” (NIETZSCHE, 2012, p. 129)

Cada vez mais, havia uma repulsa aos instintos artísticos, eles não eram mais necessários em uma sociedade que abraçou a racionalidade, que a moralidade era mais apreciada que a arte. Assim, novas necessidades surgiam e o homem precisava se firmar, ser “protegido” e impondo seu poderio no rebanho. Para Nietzsche, o homem em busca desse firmamento, consolidou a verdade como uma das maiores necessidades para a sua vivência.

Nesse ponto, o problema da verdade é relacionado pela maneira como o homem estabeleceu sua conexão com a racionalidade, a moralidade e a linguagem. Assim, por meio do conhecimento o homem elaborou signos que serviram para aumentar o domínio do homem e a verdade passou a ser consolidada pelo esquecimento do que era fictício.

Tudo isso, origina-se na noção destinada a consciência de “protetora do indivíduo”, ou seja, o homem espera que a consciência o proteja mantendo-o afastado do desconhecido, do indiferente, criando um aspecto de duração, de sustentação. Mas, a linguagem juntamente com a consciência, originaram-se dos indivíduos mais fracos, aqueles que não souberam lidar com a efervescência de seus impulsos.

[...] Por longo período o pensamento consciente foi tido como o pensamento em absoluto: apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós; mas eu penso que tais impulsos que lutam entre si sabem muito bem fazer-se sentidos e fazer mal *uns aos outros*: - a violenta e súbita exaustão que atinge todos os pensadores talvez tenha aí a sua origem. [...] (NIETZSCHE, 2012, p. 196)

De todo modo, o aspecto consciente foi tomado como pensamento absoluto, concreto, verdadeiro, aquilo de mais importante na vida humana de maneira “racional”, entretanto, essa superfície consciente é apenas ilusão, uma vez que, grande parte

das atividades do pensamento, ocorrem de maneira inconsciente, causando confrontos de tais impulsos que habitam no indivíduo.

Assim, a linguagem se mantém na mesma posição da consciência, de elementos que surgiram pela necessidade e que criam situações favoráveis ao indivíduo e ao mesmo tempo podem levá-lo a destruição<sup>43</sup>, oriunda dos valores morais que surgem e passam a ser contrárias aos instintos, e, como ressaltado no início deste capítulo: o homem ao perceber-se como o centro de todas as coisas, criou um “novo mundo”, que para ele era o mundo verdadeiro, mas, era apenas um mundo aparente e que por fim, tornou-se uma fábula.

O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo. [...]. O mundo verdadeiro – alcançável? De todo modo, inalcançado. E, enquanto não alcançado, também *desconhecido*. Logo, tampouco salvador, consolador, obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido?... (Manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. Canto de galo do positivismo). (NIETZSCHE, 2017, p. 25)

É perceptível, que ao romper com o mundo existente e criar um “mundo verdadeiro”, é a força do pensamento que está atuando e projetando as coisas das quais o indivíduo se sente seguro, consolado e confortável. Mas, tudo isso é apenas ilusão, fruto de um projeto criado para dissimular a verdadeira realidade, tornando o mundo mais observável e plausível.

Ao passo que o mundo verdadeiro é “abolido” da realidade humana, o mundo aparente também é abolido, ambos estão interligados e agindo de diferentes maneiras

---

<sup>43</sup> “[...] Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (não o da razão, mas apenas do tomar-consciência-de-si- da razão) andam lado a lado. Acrescente-se que não só a linguagem serve de ponte entre um ser humano e outro, mas também o olhar, o toque, o gesto; o tomar-consciência das impressões de nossos sentidos em nós, a capacidade de fixá-las e como que situá-las fora de nós, cresceu na medida em que aumentou a necessidade de transmiti-las a outros por meio de signos. [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 222)

no comportamento humano. O homem precisou se ver além do que de fato ele é<sup>44</sup>, precisou esquecer de que maneira eram as coisas para poder conceituá-las da forma que achava correta, foi além da sua capacidade para que pudesse se sentir o “próprio senhor” de todas as coisas, ele precisou negar a respeito da sua própria condição<sup>45</sup>.

[...] Perpetuamente, mistura as rubricas e as divisórias dos conceitos ao introduzir novas transposições, metáforas, metonímias; perpetuamente, demonstra o ávido desejo de configurar o mundo a disposição do homem desperto sob uma forma tão coloridamente irregular, inconsequente desarmônica, instigante e eternamente nova como a do mundo do sonho. Em si, o homem desperto adquire clara consciência de que está acordado somente por meio da firme e regular teia conceitual, e, precisamente por isso, chega às vezes a crença de que está a sonhar, caso alguma vez aquela teia conceitual seja despedaçada pela arte. [...]. (NIETZSCHE, 2008, p. 46)

É fato que o surgimento da linguagem e o problema da verdade estão relacionados a maneira como o indivíduo precisou se reinventar para suportar e continuar vivendo em meio as turbulências da vida. Aqui, precisamos apontar o que foi visto no primeiro capítulo deste trabalho *Nietzsche e a metafísica de artista*, em que a arte surge como forma de guiar e fornecer mecanismos necessários para que o homem suportasse a existência, tanto a arte apolínea quanto a arte dionisíaca foram os grandes responsáveis para que os gregos continuassem existindo e esse triunfo alcançado, é mais pertinente com a união desses dois instintos.

Mas, sabemos que nada é eterno e que os gregos não estavam seguros. Por mais que a arte fosse vista como a grande salvadora, no segundo capítulo deste

---

<sup>44</sup> “[...] O homem decerto se esquece que é assim que as coisas se lhe apresentam; ele mente, pois, da maneira indicada, inconscientemente e conforme hábitos seculares – e precisamente *por meio dessa inconsciência*, justamente mediante esse esquecer-se, atinge o sentimento da verdade. [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 37)

<sup>45</sup> “[...] Para poder afirmar tudo isso, no entanto, eles tiveram de se *enganar* a respeito de sua própria condição: tiveram de falseamente atribuir-se impessoalidade e duração sem mudança, de compreender mal a natureza do homem do conhecimento, negar a força dos impulsos no conhecimento e, em geral, apreender a razão como atividade inteiramente livre, de si mesma originada; eles fecharam os olhos para o fato de que também eles haviam chegado a suas proposições contradizendo o que era tido por válido, ou ansiando por tranquilidade, posse exclusiva ou dominação. [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 128)

trabalho, vimos a arte trágica sendo sucumbida por Sócrates e Eurípides. Sócrates se mostrou naquele momento como o único capaz de salvaguardar aquele povo e apresentou a dialética como o novo meio de segurança dos indivíduos, para que não se tornassem decadentes juntamente com a arte trágica, os gregos aceitaram a dialética como a grande salvadora.

É perceptível que ao longo do tempo os gregos encontravam-se mais suscetíveis aos novos ideários que iriam surgindo. Na verdade, todo esse enredo em torno desta sociedade, sempre correspondera a uma dominância, por conseguinte, o homem precisou aceitar e se encaixar em todas as mudanças que estavam ocorrendo para que assim continuasse existindo. A propósito, a linguagem é uma dominância, o novo agente transformador.

Eis algo que me exigiu e sempre continua a exigir um grande esforço: compreender que importa muito mais como as coisas se chamam do que aquilo que são. A reputação, o nome e a aparência, o peso e a medida habituais de uma coisa, o modo como é vista – quase sempre uma arbitrariedade e um erro em sua origem, jogados sobre as coisas como uma roupagem totalmente estranha à sua natureza e mesmo à sua pele -, mediante a crença que as pessoas neles tiveram, incrementada de geração em geração, gradualmente se enraizaram e encravaram na coisa, por assim dizer, tornando-se o tornar-se essência e atua como essência! Que tolo acharia que basta apontar essa origem e esse nebuloso manto de ilusão para destruir o mundo tido por essencial, a chamada “realidade”? Somente enquanto criadores podemos destruir! – Mas não esqueçamos também isto: basta criar novos nomes, avaliações e probabilidades para, a longo prazo, criar novas “coisas”. (NIETZSCHE, 2012, p. 90 – 91)

Sabe-se que Nietzsche, desde o princípio fez duras críticas contra a linguagem, mas, não bastava denunciar o surgimento da linguagem ou o seu caráter metafórico, ilusório, fictício. Tais circunstâncias não eram mais suficientes para inverter os valores e crenças que haviam sido enraizados, precisamente, era tolice acreditar que se poderia destruir sem deixar resquícios, pois, ao passo que se destrói, novas coisas surgirão.

É nítido que os homens agarraram a linguagem e todos os feitos provocados por ela como a grande possibilidade de finalmente manterem-se intactos, pois, os gregos experimentaram o amargo da decadência artística, viram-se perdidos e “mortos”. E, apesar de continuarem vivenciando aspectos ilusórios, é justamente na necessidade de rebanho, na construção de uma linguagem, na introdução de um caráter racional, que o homem se percebe como um ser transformador e a linguagem passa a ser a mais nova fonte afirmativa de vida.

A linguagem é um poderoso instrumento da vontade de potência, e pode estar a serviço tanto da afirmação como da negação. Mas foi a vontade de negação, como vontade de duração e identidade, que predominou, desde o princípio, na relação do ser humano com os signos de comunicação. Nietzsche considera a linguagem, desde o nascimento dos signos, uma configuração dominada pela vontade de verdade. [...]. (MOSÉ, 2018, p. 93)

Como já descrito nas primeiras páginas deste capítulo, a verdade deve ser entendida como um elemento usado para facilitar a vida em sociedade. Uma das abordagens feitas por Nietzsche a respeito do problema da verdade, é que a verdade ligada a realidade é questionada, é vista como duvidosa, já o valor que é estabelecido para a verdade, torna-se válida e consolida-se de modo inquestionável capaz de promover e modificar a vida, sendo guiada pela vontade de verdade.

Desse modo, a linguagem desde o momento de sua inclusão dentro da sociedade, serviu como uma espécie de abrigo, de suporte para a vontade de negação da vida, assim, a linguagem encontra-se aliada a busca pela negação da falta de solidez do tempo e da vida. Fixa-se na busca pela vontade de verdade, que instaura uma crença na verdade e que sustenta a linguagem racional e os seus desdobramentos, desejando identidade, duração e fixação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde os homens das primeiras eras colocaram uma palavra, acreditavam haver realizado um descobrimento. Como na verdade é diferente! Tocavam num problema, e acreditavam tê-lo **resolvido**, mas o que haviam feito era dificultar a sua solução. Agora, para atingir o conhecimento, é preciso tropeçar-se constantemente com palavras que se tornaram eternas e duras como a pedra, tanto que é mais fácil quebrar uma perna que quebrar uma palavra. (NIETZSCHE, 2008, p. 44, grifo do autor)

No processo evolutivo do homem, ele precisou se adequar ao seu tempo, ao seu lugar, e, aos novos desafios que o cercavam. Elaborar uma linguagem, era a forma mais clara e objetiva de se manter no poder, de se sentir vivo e acima de tudo, de se apresentar como o idealizador das transformações.

Os indivíduos passaram a acreditar ter feito uma excelente escolha ao aceitar as descobertas que a linguagem poderia oferecer. Ora, ela era vista como o antídoto, no primeiro momento, a beleza das palavras criadas soavam como algo próspero, e suas significações eram vistas como uma bela descoberta. A partir daí, não correriam riscos de sucumbirem, acreditou-se ter encontrado a verdadeira essência e solução dos problemas.

O aparecimento da linguagem sempre esteve atrelado à vontade de mudança do mundo, de buscar substituir aquilo existente por um mundo aparente, mas, sabe-se que o mundo real e o mundo aparente estão interligados, ao passo que um deixa de existir, o outro também desaparece, isso o homem não compreendeu, ele preferiu crer que aquilo que ele estava nomeando eram verdades absolutas.

É justamente na linguagem que a metafísica é sustentada, pois, proporcionou a busca pela identidade e a busca pela verdade. Mas, o homem tornou-se refém de suas próprias conclusões, de sua própria imaginação e acima de tudo, da sua ganância. Se na arte trágica o homem vivia o seu estado mais perfeito em contato

com os instintos artísticos que buscavam não oferecer um poder para o homem, mas um estado de contemplação da vida, é na presença da dialética que os homens se tornam decadentes, pois, eles não aprenderam a continuar contemplando a vida, eles aprenderam a modificar a vida para se sentirem no domínio.

Ao longo dos três capítulos aqui trabalhados, o intuito foi buscar de maneira clara e objetiva, demonstrar os diversos apontamentos feitos por Nietzsche sobre arte e linguagem, destacando seus impactos, e a forma como esses dois elementos foram sendo absorvidos e como os inscritos de Nietzsche, podem proporcionar reflexões acerca do indivíduo na sua maneira de enfrentar o mundo.

Assim, a grande reflexão que tange em torno das percepções filosóficas de Nietzsche, é a sustentação de que a arte trágica possibilita ao indivíduo uma experiência de vida “esteticamente” oposta ao mundo cercado de valores. Mas, com a decadência do mundo grego e o desmoronamento da arte, o pensamento racional Socrático mostrava-se como o grande salvador. No mundo dominado pela racionalidade, era impossível acreditar que se chegaria em uma verdade através da arte, ela era desprezada, vista como mentirosa, falseadora.

O homem precisou aprender a conviver com as perdas e ganhos, precisou saber se refazer para sobreviver, assim, aceitar a dialética não era renunciar a arte como sua legítima salvadora, mas, era a busca pela certeza de que ali eles estariam “protegidos” de todas as ruínas. O homem não estava mais disposto a suportar as incertezas que lhes cercavam, tudo que ele almejava era um “antídoto” que lhe oferecesse sustentação, duração, certezas.

A linguagem, já se encontra firmada na vivência do indivíduo, passou a ser vista como um elemento importante para a manutenção da vida em sociedade, através dela o homem passou a se sentir no poder, passou a usar as palavras para nomear e a pôr

significações nas coisas que o cercavam para oferecer-lhe uma “estabilidade” em meio aos demais, mas, sabe-se que o homem não vive em conformismo, ele busca sempre mudar para melhor viver. A linguagem não pode ser vista como uma verdade, ela deve ser entendida como uma metáfora que estimula o indivíduo a expressar o seu lado criador e afirmador da vida.

O aspecto metafísico que paira agora na existência do indivíduo racional, parte rumo a produção de um “mundo verdadeiro”, um mundo em que não há sofrimento<sup>46</sup>. A verdade como já discutida neste material através das reflexões de Nietzsche, é inserida na vivência do homem como tentativa de criar um mundo estável. Surge então uma vontade de verdade, onde inicia-se toda a problematização em torno da verdade.

O homem não quer apenas dominar a verdade ou apenas conhecê-la, ele quer o que ela pode oferecer. Assim, a busca desse conhecimento de caráter metafísico, é falsear a identidade que a vida não apresenta e tudo isso é fundamentado pela linguagem, pela busca da verdade.

Portanto, a construção deste material, busca contribuir de forma significativa com os primórdios da reflexão de Nietzsche sobre arte, linguagem e a sua relação com a metafísica. No primeiro momento, a desvinculação da arte com a vida, no segundo momento atrelado com a crítica que Nietzsche faz sobre a linguagem e no terceiro momento a aproximação da crítica ao problema da verdade.

---

<sup>46</sup> “Não há sentido em fabular acerca de um “outro” mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, *vingamo-nos* da vida com a fantasmagoria de uma vida “outra”, “melhor.” (NIETZSCHE, 2017, p. 23)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOEHLER, Rafael; CANDELORO, Rosana Jardim. *O problema da origem da tragédia em Nietzsche*. Griot: Revista de Filosofia, v. 6, n. 2, p. 122-137, 2012.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 3 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 2017.

\_\_\_\_\_. (Ed.). *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Zahar, 2005.

MELLO, M.V. de. *Nietzsche: o Sócrates de nossos tempos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MENEGHATTI, Douglas. *Construção e superação das imagens de Sócrates em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, p. 118. 2014.

MOREIRA, Fernando de Sá. *Linguagem e verdade: A relação entre Schopenhauer e Nietzsche em Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Cadernos Nietzsche, p. 273-300, 2013.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.

\_\_\_\_\_. *Aurora*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *A visão dionisíaca do mundo*. Trad. M. S. P. Fernandes e M. C. dos Santos de Souza. São Paulo: Martins fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. P. C. de Souza. 1º ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2017.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral*. Org. e Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

WISCHKE, Mirko. *O tecido quebradiço das ilusões: Nietzsche sobre a origem da arte e da linguagem*. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 46, p. 29-43, 2005.